

QUINTA-FEIRA • 11 DE MAIO DE 2017

Diário do Minho

Este suplemento faz parte da edição n.º 31395 de 11 de Maio de 2017, do jornal Diário do Minho, não podendo ser vendido separadamente.

IGREJA ^{VIVA}

10 ANOS
DE NOITE
UP'S

REPORTAGEM

"ESTA VAI SER A MELHOR DE SEMPRE!"

P. 4-5

A VIDA RELIGIOSA E A METÁFORA DA FAMÍLIA

ALFREDO J. GONÇALVES

PADRE | ASSESSOR DAS PASTORAIS SOCIAIS (BRASIL)

Tornou-se normal tomar a família como metáfora para se referir às diversas formas de pertença à Vida Religiosa Consagrada (VRC). Desse modo, cada Instituto — ou grupo de Institutos ligados ao mesmo carisma e espiritualidade — passa a ser naturalmente chamado “minha família religiosa”. Disso resulta que a Congregação se converte numa espécie de segunda família.

Nada mais óbvio, de resto! Mas é necessário assumir todas as implicações e consequências de semelhante comparação. Bem sabemos que olhar para dentro de determinada família — cada um pode pensar na sua, por exemplo — não é contemplar um mar de rosas ou um paraíso. Pelo contrário, se é verdade que o terreno familiar é capaz de produzir o que há de melhor nas relações humanas, também é certo que pode ocultar o que há de pior. Nesta perspectiva, o trigo e o joio costumam não só crescer juntos, mas também habitar dentro do mesmo tecto. Basta verificar as tensões e conflitos que dilaceram tantas famílias, chegando às vezes a verdadeiras tragédias.

Aí reside a grande ilusão. Quando associamos o nosso Instituto religioso a uma família, fazemo-lo, não raras vezes, em termos ideais. Temos em consideração todos os amores, cores e flores que nascem e crescem no ambiente familiar, sem a devida atenção às pedras e espinhos que ali se escondem. Avaliamos



as famílias a partir de fora, como espectadores, esquecendo o lixo que cada uma acumula no porão da própria casa ou debaixo do tapete, longe da curiosidade alheia e do olhar indiscreto das visitas. Aferramo-nos com relativa frequência ao conceito de lar, refúgio, aconchego, calor humano... Noutras palavras, tendemos a concentrar-nos sobre as qualidades positivas da família ideal. Vistas mais de perto, porém, damos-nos conta que tais qualidades convivem diariamente com olhares pesados e oblíquos, com palavras

que mais parecem navalhas afiadas e com silêncios carregados e constrangedores. Muitas vezes, sob o mesmo tecto, destila-se um veneno surdo e mudo, respira-se um ar denso e insuportável. Querendo ou não, cedo ou tarde, acabamos por tropeçar no lado negativo da convivência familiar. O contacto diário não raramente desgasta e corrompe a relação mais bem intencionada.

E não é só isso. Na ambígua trajetória dos tempos modernos ou pós-modernos, passamos da família hierárquica, autoritária e normativa à família onde, pretensamente, devem predominar o diálogo e a democracia. Mas as últimas duas palavras, uma vez mais, podem facilmente iludir-nos. De facto, diálogo e democracia, se e quando mal entendidos, conduzem-nos a becos sem saída. O primeiro deles é confundir esses termos com “fazer o que se quer” e não “fazer o que constrói”. O segundo é acostumar-se a um ruído contínuo, onde todos falam e ninguém se mostra capaz de escutar. Ou ainda, em terceiro lugar, criar um ambiente em que predomina o monólogo arrogante de quem traz mais dinheiro para casa. Nos três casos, o diálogo e a democracia encontram-se definitivamente mortos e sepultados. Uma fragmentação e desintegração difusa tomam o lugar dos laços

positivos herdados de pai para filho. Além disso, no mesmo processo de consolidação da mentalidade moderna, assistimos à passagem de um mundo predominantemente rural para um universo predominantemente urbano. Passagem onde a família patriarcal e conservadora é substituída pela família modernizada, aberta às novas ideias transmitidas à exaustão pelos media. Uma avalanche que faz submergir toda e qualquer ideia de património cultural e familiar. Também aqui, ao mesmo tempo que recusam grande parte dos valores e contravalores tradicionais, as novas famílias passam a integrar costumes, valores e contravalores cosmopolitas.

A conclusão é que, quando utilizamos a metáfora família para falar da VRC, devemos ter em consideração todos esses factores. Estão em jogo a mesma liberdade enganosa e traiçoeira, como também os mesmos “valores e contravalores” modernos. Se uma e outros seduzem e fascinam os jovens no interior das famílias, também os fascinam e seduzem no interior das nossas casas religiosas. Isso vale tanto para as etapas formativas quanto para as comunidades adultas e envolvidas na missão. Numa palavra, as metáforas costumam figurar como instrumentos valiosos, sem dúvida, mas jamais serão neutras.

* Artigo publicado na Revista IHU online, adaptado por Filipa Correia.



PAPA FRANCISCO
@pontifex_pt

05 de Maio de 2017

Ao longo dos tempos, Cristo não se cansa de nos procurar, seus irmãos perdidos nos desertos do mundo.

04 de Maio de 2017

Deixemo-nos surpreender pela novidade que somente Cristo pode dar. Que a sua ternura e o seu amor movam os nossos passos.

D. JORGE ORTIGA
@djorgeortiga

04 Maio de 2017

Eis o programa pastoral do Espírito Santo para a Igreja em 3 verbos: Levanta-te, Aproxima-te e Acompanha [cf. Act 8, 26-40].



MOÇAMBIQUE COM EXPLORAÇÃO DE PAÍSES INDUSTRIALIZADOS

Os bispos católicos de Moçambique abordaram em carta pastoral, publicada pela Rádio Vaticano, a actual situação no país e no continente africano e alertaram para a exploração do território por parte “dos países industrializados”. No documento, a Conferência Episcopal de Moçambique sublinha que “entre 2000 e 2013, 56 milhões de hectares de terra africana foram vendidos ou passados para a gestão de estrangeiros”. A reflexão dos bispos moçambicanos foi inspirada na encíclica “Laudato si”.



CAMPAHA PARA AJUDAR MÃES REFUGIADAS REALIZADA PELA ONU

Encontra-se em vigor uma campanha de angariação de fundos *online* a favor das mulheres refugiadas grávidas ou que tenham filhos. A acção é promovida pelos responsáveis pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR). A angariação vai servir para financiar “acções de atendimento pré-natal e pós-parto” e para garantir “acesso a alimentação e serviços básicos de saúde das mães e bebés”. O mais recente relatório global do ACNUR mostra que a proporção de mulheres refugiadas é de 49% do contingente total de refugiados.



PAPA: NÃO À EXPOSIÇÃO DO MAL PARA AUMENTAR AUDIÊNCIAS

O Papa Francisco manifestou-se no passado Sábado contra a cultura de “destruição” que chama “mãe” a uma bomba e que mostra o mal com o intuito de ganhar audiências. O alerta foi deixado no diálogo com estudantes recebidos na Sala Paulo VI, no Vaticano, durante o encontro promovido pela Coordenação Nacional Entidades Locais para a Paz e os Direitos Humanos. O Papa reforçou as denúncias contra o “trabalho irregular” e o drama dos refugiados, apelando a todos para fazerem mais em defesa do ambiente.

COMO UM NÚMERO SEM ROSTO NEM VOZ



MIGUEL MIRANDA

PADRE

Dentro do moderno cinema de cariz social proporcionado pelos efeitos da crise financeira à escala global (“O capital”, “A queda de Wall Street”, “99 casas”, “A Lei do mercado”), “Eu, Daniel Blake” (2016) é talvez o mais humano dos filmes. Sempre que aborda problemas sociais, a escola do realismo britânico revela efectivamente uma sensibilidade e um tacto muito especiais – o que já não sucede, por exemplo, quando se trata de aprofundar questões relacionadas com a moral pessoal, circunstância em que os realistas britânicos cedem tristemente a um “panfletarismo” de pacotilha.

Na pessoa do seu protagonista, o filme de Ken Loach, mestre da dita escola, apresenta-nos o sujeito isolado face uma máquina (ou teia, se preferirmos) burocrática que o devora, fazendo-nos – metaforicamente – lembrar o atarantado Chaplin operário de “Tempos modernos”. Entre a espada e a parede, preso por ter cão e preso por o não ter, Blake é, para o sistema, um número sem nome, sem rosto e sem voz. Tritura-o uma máquina sem coração (ao menos ele tem-no, fraco sim, a ponto de o incapacitar para o trabalho, mas tem-no), que tudo

de Zamiatine – isto se não quisermos chamar Júlio Verne ou H. G. Wells para o barulho), Loach vem avisar-nos que, afinal, esse futuro chegou. É agora.

Apesar de todos os azares que lhe batem à porta, Blake é um coração solidário, descentrado de si, voltado para Katie, mãe solteira de dois filhos, vagueando entre o banco alimentar contra a fome e a loja de artigos usados. Katie que estranhamente lhe faz lembrar Molly, o amor da sua vida, aquela de quem passou a cuidar até à morte, desde que a demência lhe virou a vida do avesso. Molly assim tornada pura ausência presente. Eu sou eu mais o meu passado. Aparte as circunstâncias trágicas do filme – tornado uma tragicomédia quando Blake sucumbe a nova traição do coração, precisamente quando tudo indicava que as coisas iam afinal compor-se –, a relação de Daniel e Katie quase faz lembrar (outra vez a mesma referência!) o Chaplin emparelhado com Paulette Goddard em “Tempos modernos”.

Vamos lá ver: não há romance – “Eu, Daniel Blake” é mais belo do que isso. Ele e ela são pares: apoiam-se mutuamente. O outro à minha frente. Este filme é como que o “J’acuse” de Ken Loach. É um manifesto assinado por baixo por todos os inadaptados e excluídos deste mundo e de todos os tempos. Quando o personagem principal “grafa” a fachada do edifício da Segurança Social, um sem-abrigo chama-lhe “Sir Daniel Blake”. É o ponto em que atinge a máxima dignidade.

Se alguma coisa podemos apontar ao manifesto final de Blake é que há ali tanto de afirmação de dignidade como do orgulho tolo de um pedante ideal de autonomia, o que faz do discurso preparado – mas já não lido pelo próprio – uma espécie de lamber de feridas: “*Não sou um cliente, um freguês ou um utente. Não sou um preguiçoso, um parasita,*



formata; que inventa sanções para infantilizar todos aqueles que, em princípio, deveria apoiar e proteger; que condena gente sem recursos a um infame prazo de validade.

Se os nossos dias reabilitaram naturalmente o dantes chamado romance utópico ou futurista – a agora mais pomposamente designada distopia – (“1984” de Orwell, “O Admirável Mundo Novo” de Huxley, ou o antepassado deles todos, o “Nós”

um pedinte ou um ladrão. Não sou um número de segurança social nem um som intermitente num ecrã. Paguei as minhas dívidas, nem um cêntimo a menos, e orgulho-me de o ter feito. Olho o meu próximo nos olhos. Não aceito ou procuro caridade. O meu nome é Daniel Blake. Sou um homem, não um cão. Como tal, exijo os meus direitos. Exijo que me trates com respeito. Eu, Daniel Blake, sou um cidadão, nem mais, nem menos. Obrigado”.

MARIA É MÃE

SARA POÇAS

CENTRO MISSIONÁRIO ARQUIDIOCESANO DE BRAGA

Há uns dias, um grande amigo lançou nas redes sociais aquilo que ele chamou um “Desafio fraterno aos meus queridos amigos católicos”. Com a aproximação da visita do Papa Francisco a Fátima, para marcar o centenário das “aparições” e a canonização dos pastorinhos ele, um “inveterado protestante, mas de convicto e sincero coração ecuménico”, admite ter uma enorme dificuldade com o culto Mariano e a devoção aos



santos. No entanto, lança o desafio: “Poderiam vocês, a partir da vossa tradição, e sobretudo a partir da vossa reflexão e vivência de fé, explicar-me porque aderem àqueles, em alguns pontos resumidos?”.

O desafio foi aceite por católicas (sim, apenas mulheres responderam a este desafio) e também por algumas não católicas: algumas referiram que também tinham dificuldade com o culto Mariano, denominando-se católicas “atípicas”, assim como com a compreensão das “aparições”. Houve testemunhos de pessoas que têm familiares que presenciaram as “aparições”; outras referiram a admiração pela forma como Maria disse “sim” e pelo seu testemunho de fé e de amor incondicional (mesmo sem compreender tantas coisas); por nos ajudar, com o seu exemplo, a aproximar mais do caminho da santidade; houve, ainda, quem referisse Nossa Senhora como aquela que aponta para Deus, porque para algumas pessoas é mais fácil chegar a Jesus pela Mãe (fazendo alusão às Bodas de Caná).

Mas uma ideia foi unânime em todos os testemunhos: Maria como figura

materna, aquela que protege, que dá colo, que dá consolação, que dá alento, que dá conforto, que compreende, que acalma, a presença discreta, muitas vezes silenciosa, mas que marca a diferença... Mãe é Mãe!

Nesta perspectiva, recordo o artigo do Pe. Jorge Vilaça de há umas semanas, em que ele reflectia sobre a dificuldade de ensinar a rezar o Pai-Nosso a pessoas que não têm efectivamente a experiência de serem “filhas de um pai”. Por oposição, numa sociedade matrilinear, como é o caso de alguns contextos africanos de missão, onde a mulher é mãe, é dadora de vida, garante da ligação com os antepassados, portadora da cultura e centro à volta do qual gira a organização social, é fácil a apropriação do culto Mariano e de procurar em Maria o consolo, a protecção, a paz, a esperança. Tudo isto com silêncio e discrição... É por isso premente a missão da promoção da mulher!

Recordo, por fim, as palavras do Papa Francisco, quando há tempos foi questionado sobre o seu modo de ver o papel missionário de Maria na Nova Evangelização e na renovação da Igreja. Francisco responde prontamente: “Maria é Mãe; uma Igreja sem Maria é um orfanato”.



10 ANOS
DE NOITE
UP'S

"ESTA VAI SER A MELHOR DE SEMPRE!"

FLÁVIA BARBOSA
TEXTOInscrições obrigatórias em www.grupoperegrinos.org

- Filho, onde vais a esta hora?
- Vou para uma noite, mãe.
- Uma noite?
- Uma noite UP'S.
- Mas o que é isso?
- É uma directa com Deus.
- Uma directa com Deus? Mas tu estás bem da cabeça?

Este seria um possível diálogo entre mãe e o filho que se prepara para participar na próxima "Noite UP'S", a decorrer na noite de 19 de Maio. Este ano a iniciativa parte de Caldas das Taipas, Guimarães, rumo ao Sameiro. A "Noite UP'S" é organizada pelo Grupo Peregrinos, inserido desde 1 de Abril de 2016 na Pastoral do Laicado e Família, e consiste numa caminhada realizada em Maio de cada ano que termina a maior parte das vezes na Basílica.

10 ANOS DE SONHOS

Em 2017, a Noite UP'S e o Grupo Peregrinos comemoram dez anos de existência e partem para a 11ª edição, desta vez subordinada ao tema "Eu acredito" (em Nossa Senhora). A temática não é arbitrária, vai sempre ao encontro do Ano Pastoral vivido na Arquidiocese.

Tudo começou por um desafio lançado pelo Cónego Eduardo Melo e por um grupo de jovens cristãos que considerava ser possível fazer mais no sentido de levar outros jovens a experimentar e conhecer Deus.

"O Paulo Barbosa e o Rui Miranda, dois dos fundadores da actividade, queriam adicionar alguma coisa àquilo que já era feito para os jovens na altura. Tomaram como inspiração as noites Inacianas, em que os jesuítas escolhiam uma localidade e iam a caminhar toda a noite até Fátima. Ao longo da noite havia vários desafios, momentos de oração, actividades... O Cónego Melo lançou o desafio ao Paulo Barbosa no sentido de existir um grupo de jovens que trouxesse mais públicos ao Sameiro e rejuvenescesse a espiritualidade Mariana do Santuário.



RUI FERREIRA

A ideia de «peregrinos» também vem daí. Eles foram falar com o Padre Belchior e ele mandou-os falar comigo, na altura jesuíta em formação. Começámos os três a falar, o Paulo chamou mais uns amigos e assim tudo começou", conta Rui Ferreira, de 32 anos, "membro emérito" da organização – como se apresenta – e um dos fundadores do Grupo e actividades.

Bernardino Silva, com 50 anos, também fundador, explica que esta junção de pessoas também aconteceu no contexto das Semanas Sociais que se realizavam na altura. Tendo sido Braga a cidade escolhida para organizar o evento, foi necessário desenvolver um grupo de trabalho jovem para ajudar na organização.

"As Semanas Sociais foram um êxito... Por essa altura começou a pensar-se no que se poderia fazer para se ir mais longe na diocese. Tentámos encontrar algo que pudesse «competir» com o gosto dos jovens universitários pela noite. Os jovens gostam de directas, gostam da noite, o que é que poderíamos fazer em Igreja que competisse com isto? Começámos a pensar num grupo organizado que não chocasse com aqueles que já existiam, mas que fosse algo que pudesse sensibilizar os jovens para um momento concreto,

um momento único. Maio poderia ser interessante por duas razões: por termos um Santuário Mariano e por ser o mês associado às noites académicas", explica.

Com o apoio incondicional do Cónego Melo e de D. Jorge Ortega, o grupo avançou. O padre Luís Marinho e



BERNARDINO SILVA

a Pastoral Universitária da altura foram decisivos para começar a ser construído caminho. "Uma autêntica bênção", afirma o Grupo.

Começava a nascer a Noite UP'S (*Upa Para o Sameiro*), um sonho partilhado por várias pessoas com o mesmo objectivo: ser Igreja, proporcionar a outras pessoas uma experiência diferente nesse sentido e fomentar o espírito de comunhão

entre diferentes Movimentos e entidades cristãs.

Dez anos depois, Fernando Vilaça, 45 anos, um dos Coordenadores do Grupo, descreve a actividade como uma oportunidade de convívio com outras pessoas, outros participante e outras realidades, até pela diferença de faixas etárias. Aquilo que de início era dirigido quase exclusivamente a jovens, passou a ter, ao longo do tempo, a participação de adultos. No ano passado havia mãe, filha e avó a fazerem a caminhada.



FERNANDO VILAÇA

“Demonstramos que é possível ser-se cristão e não ter vergonha de assumi-lo, até porque o cristão também vai ter também experiências completamente diferentes e arrojadas. Ainda hoje vemos jovens a chegar ao Sameiro e a correr o escadório na recta final com uma energia imensa. É usufruir de algo completamente diferente, que sai um bocado fora dos parâmetros de uma catequese «estandardizada» e normal. Temos, por exemplo, muita gente a pedir para alterar a imposição da idade mínima. Mas achamos que há coisas que na vida que faz sentido serem vividas com determinada idade, de outra forma parece que não passam de um episódio que aconteceu e passou. Inicialmente a idade mínima era de 16 anos e entretanto baixámos para os 15”, refere.

10 ANOS DE RECRIAÇÃO

A pergunta impõe-se: o que tem a noite UP’S de diferente e o que é que se faz durante as muitas horas de caminhada?

Fernando Vilaça explica que não há uma noite UP’S igual. Todos os anos são pensadas actividades diferentes, de forma a que a experiência não seja repetitiva e traga sempre algo de novo.

“Não podemos desvendar muito sobre a próxima. Mas acontecem coisas a vários momentos, seja às duas, quatro ou seis da manhã. Existe interacção, os participantes são levados a reflectir, pode surgir uma dança, podem ter que descobrir qualquer coisa, conversar uns com os outros, rezar de forma mais individual ou em grupo...”, adianta.

Actualmente há uma estabilidade que permite ao Grupo Peregrinos organizar a actividades sem dificuldades de maior, apenas as “normais” quando se programa uma iniciativa para cerca de 500 pessoas, o número médio de participantes ao longo das edições. O Grupo reúne-se várias vezes ao ano – geralmente aos Domingos à noite, devido aos afazeres profissionais e pessoais de cada um – e demora, habitualmente, quatro meses a preparar uma noite. São muitos os elementos envolvidos que acabam por ficar no “anonimato”, já que trabalham intensivamente nos bastidores e não estão presentes na actividade propriamente dita. Mas as coisas nem sempre foram assim tão simples.

Quando surgiu a primeira edição da Noite UP’S, levantaram-se algumas vozes a questionar o evento. Seria um episódio único? Seria mesmo necessário? Não “chocaria” com outros Movimentos já existentes? Quem eram aquelas pessoas que organizavam a actividade?

“Os elementos da organização fazem parte de uma pastoral concreta. Não é um grupo que apenas e só se encontra em Maio, mas os elementos que compõem a equipa trabalham nos seus lugares pastorais. São um potencial para a Igreja. O grupo teve sempre uma seriedade muito grande e uma transparência testemunhal ao



MIGUEL VILAÇA

nível daquilo que seriam os valores inerentes à Igreja que se pretende: uma Igreja que caminha, que se inova, que se recria... Foi isto que levou a que, em 2016, quase dez anos depois, houvesse um reconhecimento de que este é um grupo de Igreja. Estas pessoas, que não se conheciam, tinham um projecto comum que se chamava Jesus Cristo. Temos que nos lembrar que a oferta que existe numa diocese pode não ser suficiente para as respostas que se exigem a cada determinado tempo”, refere Bernardino.

Miguel Vilaça, de 36 anos e também coordenador do Grupo, sorri e explica que este tipo de dificuldades acabou por ter o seu lado bom, já que obrigou a sérias reflexões e questionamentos.

“As atribuições também foram boas porque nos obrigaram a questionar sobre o que estávamos ali a fazer. Obrigou-nos a perceber a importância de criar sinergias com pessoas e entidades que já existiam e até tinham vontade de fazer um trabalho fora dos seus grupos concretos. Mas se calhar faltava alguém fazer aquela primeira chamada e dizer «vamos reunir todos e vamos criar aqui algo». O grupo acabou por funcionar um bocado nesse sentido. Começámos a ver os Movimentos a aderir e a dizer que estava ali uma forma diferente de fazer Igreja, que funcionava bem e permitia outro tipo de conhecimento”, explica, frisando que a Noite fez com que descobrisse movimentos que desconhecia completamente.

Na véspera da primeira Noite UP’S chovia torrencialmente, o que quase fez o Grupo desistir dos planos. O céu abriu mesmo pelo final da tarde.

10 ANOS DE AMIZADE

Rui, Miguel, Fernando e Bernardino não se conheciam. Hoje contam dez anos de amizade. As peripécias e histórias partilhadas são muitas. Durante este período, alguns casaram e tiveram filhos. Outros mudaram radicalmente de carreira. Cresceram e seguiram caminhos diferentes, mas a noite UP’S acabou por “uni-los para a vida”, nas palavras de Rui.

Ao *Igreja Viva*, entre muitos risos e gargalhadas, recordam várias edições da actividade.

Miguel relembra a primeira edição e de como comprou, juntamente com Paulo Barbosa, várias coisas do seu próprio bolso.

“Eu e o Paulo estávamos a rezar para que os inscritos aparecessem e conseguíssemos assim colmatar a enorme despesa que tivemos. Na altura as inscrições eram feitas em papel e não tínhamos forma de saber se teria desistido muita gente. Felizmente no final da noite o saldo foi positivo”, conta, entre gargalhadas.

Fernando recua no tempo e conta episódios de várias edições, como a das Bodas de Caná, em que o Grupo fez uma ceia “super elaborada” no chafariz da Arcada, Avenida Central. Na altura nem os copos com groselha, a fingir serem de vinho, faltaram.

“E aquele momento incrível no Bom Jesus, lembram-se? Aí pelas quatro da manhã, com tudo mergulhado na escuridão, enchamos o lago de velas. As pequenas luzes flutuavam enquanto uma menina tocava violino. Aquele momento ali, ver toda a gente na encosta a usufruir daquilo, iluminados pelas velas e ao som da música... foi arrepiante”, conta.

Pelo caminho contam-se histórias de barcos no Rio Este, que o grupo foi buscar ao Sameiro – “ainda tenho parte do rolo de corda em casa dos meus pais!” – de faixas gigantes em frente ao Arco da Porta Nova – “conseguimos convencer os moradores a estender uma corda entre as varandas porque não podíamos tapar um monumento nacional!” – ou anjos suspensos a quatro metros de altura. Histórias de criatividade, inovação, audácia. Os quatro riem, cúmplices.

Rui, mais pensativo, volta a lembrar a primeira edição.

“Foi a que mais me marcou. Pelas dificuldades, pelo que me senti obrigado a fazer no sentido de ajudar as pessoas a perceber que era possível e viável! Eu próprio tinha receios, era a primeira experiência do género em que estava mais envolvido, mais presente... Vê-la a acontecer, com a ameaça da chuva no dia anterior, como um sinal providencial de termos aquela grande dificuldade na véspera e conseguirmos vencê-la... Não há forma de descrever como me senti no final, ganhei amigos para a vida. É um projecto que me arrepiava sempre que ouço falar porque é um sonho! Um sonho que foi concretizado com outras pessoas e que continua”, afirma.

Desejos para o futuro? Muitos. Um deles é que os Movimentos que já se associaram a esta causa – como os Focolares, Combonianos, Jovens em Caminhada, Franciscanos, Irmãs Hospitaleiras, Guias de Portugal, Schoenstatt e a Comunidade Shalom – continuem a aderir e tragam cada vez mais pessoas. Há registos de outros grupos a serem criados a partir da Noite UP’S, de pessoas que aí se conheceram e se associaram a Movimentos ou criaram grupos de jovens e de trabalho.

Outro desejo? Que o melhor *feedback* que poderiam ter continue a chegar: a existência de muitos participantes que ano após ano continuam a inscrever-se e a caminhar para o Sameiro com a mesma força e energia.

Um objectivo dos elementos é juntarem-se às caminhadas como participantes com os próprios filhos. O de Fernando, com 19 anos, já vai na terceira “Directa com Deus”. Miguel espera poder participar com a filha – ainda com oito meses – daqui a quinze anos: será sinal que o projecto vingou e se fortaleceu ainda mais.

Uma última pergunta a Bernardino, Rui, Fernando e Miguel: que é que podemos esperar desta próxima Noite UP’S, não podem desvendar mais um pouco?

“Não. Só garantimos que vai ser a melhor de sempre!”, afirmam unânimes, entre risos, repetindo a mesma frase que lhes serve de mote há dez anos.

“VÓS VER-ME-EIS, PORQUE EU VIVO E VÓS VIVEREIS”.

VI DOMINGO DE PÁSCOA

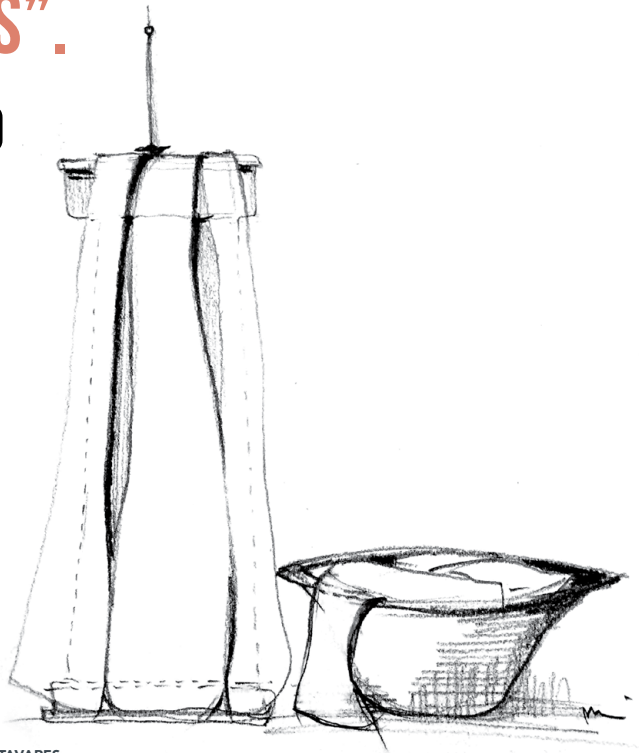


ILUSTRAÇÃO DA ARQ. MARIA TAVARES

ITINERÁRIO

ATITUDE MARIANA
Oração.

CONCRETIZAÇÃO: Maria é a Senhora da esperança, da contemplação, da verdadeira alegria. Aos pés de Maria está o mesmo cesto que estava na Quaresma. Este cesto contém faixas brancas que significam a nossa “veste baptismal”, “lavada no sangue do Cordeiro” (Ap 7, 13-14). Com elas nos revestiremos de Cristo. Esta semana revestimos o Ambão.

SUGESTÃO DE CÂNTICOS

- **ENTRADA:** *Anunciai com voz de júbilo*, Az. Oliveira (NRMS, 32)
- **PROCISSÃO DA PALAVRA:** *Jesus é a Palavra de Deus Pai*, Az. Oliveira
- **OFERTÓRIO:** *Vi a fonte de água viva*, Az. Oliveira (NRMS, 65)
- **COMUNHÃO:** *Vós sereis meus amigos*, M. Faria (NRMS, 29)
- **FINAL:** *Rainha dos céus, alegrai-vos*, F. Silva (NRMS 17)

EUCOLOGIA

Orações próprias do VI Domingo da Páscoa (*Missal Romano*, p. 363).
Prefácio Pascal III (*Missal Romano*, p. 471).
Oração Eucarística III (*Missal Romano*, pp. 529-535).
Bênção solene para o Tempo Pascal (*Missal Romano*, p. 558).

VIVER A ALEGRIA

Jesus está com o Pai e, por isso, partilhamos da sua vida abundante, porque abertos à promessa do Espírito Santo. Neste sentido, propomos que, todos os dias, ao levantar, se invoque o Espírito Santo com a oração disponível em www.arquidiocese-braga.pt/liturgia/

LITURGIA DA PALAVRA

LEITURA I ACTOS 8, 5-8.14-17

Leitura dos Actos dos Apóstolos

Naqueles dias, Filipe desceu a uma cidade da Samaria e começou a pregar o Messias àquela gente. As multidões aderiam unanimemente às palavras de Filipe, ao ouvi-las e ao ver os milagres que fazia. De muitos possesos saíam espíritos impuros, soltando enormes gritos, e numerosos paralíticos e coxos foram curados. E houve muita alegria naquela cidade. Quando os Apóstolos que estavam em Jerusalém ouviram dizer que a Samaria recebera a palavra de Deus, enviaram-lhes Pedro e João. Quando chegaram lá, rezaram pelos samaritanos, para que recebessem o Espírito Santo, que ainda não tinha descido sobre eles: só estavam baptizados em nome do Senhor Jesus. Então impunham-lhes as mãos e eles recebiam o Espírito Santo.

SALMO RESPONSORIAL SALMO 65 (66)

Refrão: A terra inteira aclame o Senhor.

LEITURA II 1 PE 4, 13-16

Leitura da Primeira Epístola de São Pedro

Caríssimos: Alegrai-vos, na medida em que participais nos sofrimentos de Cristo, a fim de que possais também alegrar-vos e exultar no dia em que se manifestar a sua glória. Felizes de vós, se sois ultrajados pelo nome de Cristo, porque o Espírito de glória, o Espírito de Deus, repousa sobre vós. Nenhum de vós tenha de sofrer por ser ladrão ou assassino ou malfeitor ou difamador. Se, porém, sofre por ser cristão, não se envergonhe, mas antes dê glória a Deus por ter esse nome.

EVANGELHO JO 14, 15-21

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São João

Naquele tempo, disse Jesus aos seus discípulos: “Se Me amardes, guardareis os meus mandamentos. E Eu pedirei ao Pai, que vos dará outro Paráclito, para estar sempre convosco: Ele é o Espírito da verdade, que o mundo não pode receber, porque não O vê nem O conhece, mas que vós conheceis, porque habita convosco e está em vós. Não vos deixarei órfãos: voltarei para junto de vós. Daqui a pouco o mundo já não Me verá, mas vós ver-Me-eis, porque Eu vivo e vós vivereis. Nesse dia reconheceréis que Eu estou no Pai e que vós estais em Mim e Eu em vós. Se alguém aceita os meus mandamentos e os cumpre, esse realmente Me ama. E quem Me ama será amado por meu Pai e Eu amá-lo-ei e manifestar-Me-ei a ele”.



REFLEXÃO

O Sexto Domingo de Páscoa (Ano A) já nos faz sentir a proximidade da Ascensão e do Pentecostes, cume da experiência pascal. A Igreja proclama, hoje como ontem, a urgência da conversão e a importância do acolhimento do Espírito Santo. Ele passa a ser o protagonista: foi comunicado aos habitantes da Samaria pela oração de Pedro e João (primeira leitura); a sua vinda é uma garantia dada por Jesus Cristo (evangelho). O Espírito Santo habita em cada ser humano. É ele que nos capacita para dar as razões da nossa esperança (segunda leitura). Aclamemos a Deus (salmo) que, pelo Espírito Santo, continua a derramar sobre nós as suas maravilhas!

“Vós ver-me-eis, porque Eu vivo e vós vivereis”

Os discípulos estão à mesa e escutam as palavras de despedida do Mestre. Ele quer infundir-lhes confiança e coragem, promete-lhes uma permanente presença. O trecho apresenta o primeiro dos cinco anúncios da vinda do Espírito Santo no plano global do evangelho segundo João.

Vós ver-me-eis... A ausência física de Jesus Cristo não é um afastamento. Ele promete aos seus discípulos que não ficarão órfãos. Voltará a estar presente, ainda que invisível, até ao fim dos tempos. Desta feita, para o “ver” são precisos os olhos da fé.

... porque Eu vivo... Jesus Cristo não fica preso na morte. Ele ressuscita. Vive para sempre. Na eucaristia é onde melhor se manifesta, pela visão da fé, a presença viva de Jesus Cristo: na comunidade reunida, na palavra proclamada, no pão e no vinho, alimentos que nos deixou para o caminho.

... e vós vivereis. A nossa vida une-se à de Jesus Cristo através do Espírito Santo, dom prometido para estar connosco, habitar em nós. O Espírito Santo, dom que “procede do Pai e do Filho”, é o “Senhor que (nos) dá a vida” (Credo). Através do Espírito Santo, “a própria vida de Deus é participada ao ser humano. Mediante os sacramentos da Igreja (...), aquela vida é incessantemente comunicada aos filhos de Deus” (João Paulo II, *O Evangelho da vida*, 51). Este é o objectivo da missão de Jesus Cristo: dar-nos o Espírito Santo, dar-nos a vida.

Oração: preciso do Espírito Santo?

“Durante muito tempo, pensei que não tinha necessidade do Espírito Santo. Afinal, o Pai envolve-me com a sua ternura, Jesus guia-me pelos caminhos da vida, Nossa Senhora consola-me e protege a minha família, São José sorri-me nas dificuldades da vida quotidiana, o meu anjo da guarda esforça-se em reparar as minhas más acções ou as minhas imprudências ... Que lugar resta ainda para o Espírito Santo? Foi apenas aos quarenta anos (...). Senti a necessidade de, por um lado, ter mais forças e, por outro, de maior inspiração. Quem me poderia dar esta determinação de ir mais além e ao mesmo tempo sentir uma sensação interior de doçura e de paz? (...) O Espírito Santo desinstala-nos, o Espírito mexe connosco, mas também é aquele que nos reconstrói. (...) Viver com o Espírito Santo todos os dias é aprender a ter confiança, é escolher a alegria, é fazer-se ao largo” (Odile Haumonté, *O Espírito Santo na tua vida*, ed. Paulus).

Reflexão preparada por Laboratório da Fé | www.laboratoriodafe.net

ELEMENTOS CELEBRATIVOS A DESTACAR

Dinâmica para o Tempo Pascal

O elemento celebrativo, dinamizado ao longo dos cinquenta dias da Páscoa, consistirá em retirar uma faixa de pano do cesto que Nossa Senhora tem aos seus pés e colocá-la num elemento do espaço litúrgico. Desta vez vamos “revestir” o Ambão. Sugerimos, neste Domingo, que se faça a entrada solene da Palavra, com um cântico alusivo, depois da oração colecta. Propomos, ainda, que o momento Pós-Comunhão seja enriquecido com a oração do *Magnificat*. O final da celebração pode ser marcado pela antífona mariana *Regina Caeli*.

Preparação Penitencial [Fórmula C]

V/ Pelas vezes em que o nosso coração não guardou silêncio, para se tornar a vossa morada,
R/ Senhor, tende piedade de nós!
V/ Pelas vezes em que o nosso coração se fechou ao Vosso amor, para se deixar ocupar por outras coisas,
R/ Cristo, tende piedade de nós!
V/ Pelas vezes em que o nosso coração não guardou a Vossa palavra, para se distrair com outras palavras,
R/ Senhor, tende piedade de nós!

Introdução à Liturgia da Palavra

A Palavra de Deus convida-nos a preparar o coração para acolher o dom do Espírito Santo. A Liturgia proporciona escuta, oração e comunhão com Deus através do Paráclito, que não nos deixa sozinhos. Com alegria e confiança acolhamos os mistérios de Deus e proclamemos, com a nossa presença e atitude de escuta, a fé em Cristo Ressuscitado.

Cuidados na proclamação da Palavra

Primeira leitura: Aconselha-se uma leitura pausada, dando especial destaque aos milagres que se realizavam pela pregação de Filipe. Dar ênfase à última frase da leitura, que nos apresenta o gesto da imposição das mãos.
Segunda leitura: Paulo quer transmitir-nos, neste texto, que a sua mensagem e o seu anúncio foi sempre o mesmo: Jesus Cristo Crucificado que venceu a morte. É o Espírito de Deus que actua em nós e nos leva à obediência pela fé; não a sabedoria humana. Esta deve ser a experiência feita pelo leitor, em primeira pessoa, para depois ser capaz de a transmitir à assembleia, com entusiasmo e convicção.

ORAÇÃO UNIVERSAL

Irmãs e irmãos, dirigamos ao Senhor as nossas preces, na certeza de que elas serão atendidas, e digamos cheios de confiança:

R. Escutai, Senhor, a nossa oração.

1. Pelo Papa Francisco, pelos bispos, presbíteros e diáconos: encontrem na alegria do serviço a missão das suas vidas. Oremos, irmãos.

2. Por todos os governantes: ponham à disposição dos mais pobres os recursos necessários para viverem com dignidade. Oremos, irmãos.

3. Por todas as comunidades cristãs, especialmente a nossa comunidade paroquial: abram-se ao dom do Espírito e confessem a Cristo como o seu Senhor e Salvador. Oremos, irmãos.

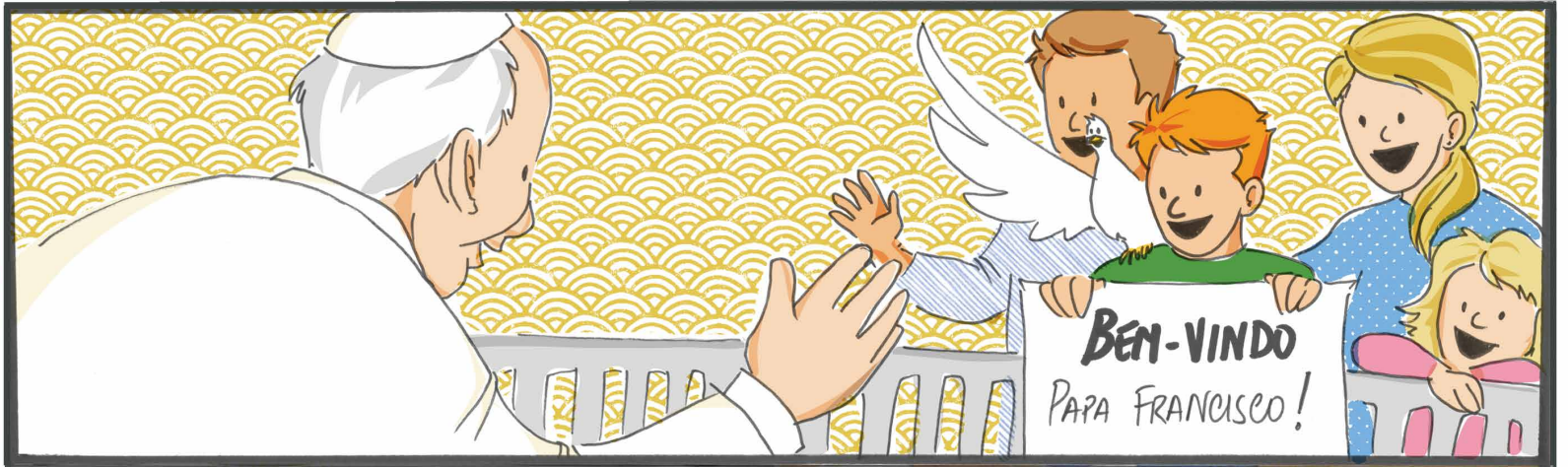
4. Por todas as crianças e jovens da nossa comunidade: descubram, com a nossa ajuda, a alegria de serem cristãos. Oremos, irmãos.

5. Por todos os grupos e movimentos desta comunidade paroquial: sintam a necessidade de serem evangelizadores nas tarefas quotidianas. Oremos, irmãos.

Deus todo-poderoso e eterno, que por vosso Filho Jesus Cristo nos pedistes para sermos sal da terra e luz do mundo, olhai para as preces que vos dirigimos e fazei que as nossas boas obras sejam recompensadas, um dia, no céu. Por Cristo, Senhor nosso.



Olive & Noé



Fátima

Fátima, lugar sagrado,
De vigília e oração;
Onde acorrem multidões,
Em momentos de aflição.
És chamada altar do mundo
Pois, todo o mundo, a ti vai;
Pedindo à Virgem Maria,
Qu' interceda junto ao Pai.

Muitos vão cumprir promessas,
Em sinal de gratidão;
Por vezes, tão dolorosas,
Que inspiram compaixão.
Outros tantos, peregrinos,
Movidos por grande fé,
Caminhando, noite e dia,
O percurso sempre a pé.
Mas, chegados ao destino,
Tão grande é sua alegria,
Qu' esquecem feridas e dores,
Quando Te vêem, Maria.

Senhora que, num milagre,
Apareceste aos Pastorinhos,
"Aparece", em nossas vidas,
Protege nossos caminhos.

Elisa Perestrelo



Oração Jubilar da Consagração

Salve, Mãe do Senhor,
Virgem Maria, Rainha do Rosário de Fátima!
Bendita entre todas as mulheres,
és a imagem da Igreja vestida da luz pascal,
és a honra do nosso povo,
és o triunfo sobre a marca do mal.

Profecia do Amor misericordioso do Pai,
Mestra do Anúncio da Boa-Nova do Filho,
Sinal do Fogo ardente do Espírito Santo,
ensina-nos, neste vale de alegrias e dores,
as verdades eternas que o Pai revela aos pequeninos.

Mostra-nos a força do teu manto protetor.
No teu Imaculado Coração,
sê o refúgio dos pecadores
e o caminho que conduz até Deus.

Unido/a aos meus irmãos,
na Fé, na Esperança e no Amor,
a ti me entrego.
Unido/a aos meus irmãos, por ti,
a Deus me consagro, ó Virgem
do Rosário de Fátima.

E, enfim, envolvido/a na Luz que
das tuas mãos nos vem,
darei glória ao Senhor pelos séculos
dos séculos.
Ámen.



AGENDA

12.05.2017 E 13.05.2017

**VISITA DO PAPA FRANCISCO
A FÁTIMA**

13.05.2017 E 14.05.2017

**V FESTIVAL
"O MUNDO SOMOS NÓS"**
10h00 / Mosteiro de Tibães

14.05.2017

**DIA ARQUIDIOCESANO DA
FAMÍLIA E CELEBRAÇÃO DAS
BODAS MATRIMONIAIS**
15h15 / Capela de Nossa Senhora
da Conceição

15.05.2017

**IRMANDADE DE SÃO TORCATO:
ROMARIA PEQUENA**
09h00 / Capela Fonte do Santo



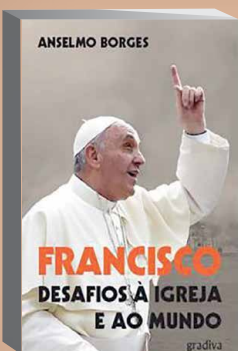
LEITOR DE CÓDIGO

Fale connosco no Facebook

FICHA TÉCNICA

Director: Damião A. Gonçalves Pereira
Coordenação: Departamento Arquidiocesano da
Comunicação Social (Pe. Paulo Terroso, Pe. Tiago
Freitas, Filipa Correia, Flávia Barbosa)
Design: Romão Figueiredo
Multimédia: Ana Pinheiro
Contacto: comunicacao@arquidiocese-braga.pt

LIVRARIA DIÁRIO DO MINHO



**ANSELMO
BORGES**

**FRANCISCO:
DESAFIOS À
IGREJA E AO
MUNDO**

O autor refere no texto inicial: "Francisco vai conseguir? Ele sabe que tem muitos opositores e mesmo inimigos, sobretudo entre cardeais e bispos e também sabe que talvez seja mais amado fora do que dentro da Igreja. (...) Ele é franciscano por opção, isto é, cristão, seguindo os passos de Jesus, que proclamou o Deus da misericórdia. Mas ele é também o primeiro Papa jesuíta da história, portanto, com visão ampla do mundo e estratégia de organização e eficácia. A síntese de franciscano e jesuíta tornam irreversível o processo que iniciou."

PVP
15,50 €

10% *
Desconto

* Na entrega deste cupão. Campanha válida de 11 a 18 de Maio de 2017.